

**SOU GAY:  
UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL  
DA EXPERIÊNCIA DO “SAIR DO ARMÁRIO”<sup>119</sup>**

*Michael Luiz de Freitas (UERJ)*  
[mykaelluyz@gmail.com](mailto:mykaelluyz@gmail.com)

### **1. Introdução**

O trabalho descrito aqui objetiva investigar como os homossexuais do sexo masculino representam a experiência de assumir sua orientação sexual ou “sair do armário”, como é dito popularmente, através de um depoimento sobre experiência pessoal.

Para tanto, esse estudo encontra auxílio nas contribuições da linguística sistêmico-funcional (LSF), especificamente, no sistema de transitividade. Tal sistema tem a ver com a metafunção ideacional, que mapeia representação das ideias, da experiência humana. A descrição do sistema e a análise do discurso em questão estão fundamentadas nas contribuições de Halliday e Mathiessen (2004), Eggins (2004), Thompson (2004), Cunha e Souza (2007) e Fuzer e Cabral (2010).

O interesse de estudar depoimento autobiográfico da comunidade *gay* se deu ao fato da construção de identidade subjacente à narrativa. A autobiografia é geralmente considerada com uma arte do retrospecto que faz parte da nossa experiência em curso, criando e compartilhando uma identidade. Para tal comunidade, um exemplo saliente que constrói um discurso identitário são as histórias do “sair do armário”, isto é, afirmar publicamente a identidade *gay*.

Em diversas áreas do conhecimento, muito tem se discutido sobre a experiência de assumir uma identidade homossexual. Especificamente, na área dos estudos linguísticos, tem-se o trabalho de Balocco (2005), que utiliza depoimentos de lésbicas publicados em uma revista de grande circulação a fim de configurar tais histórias como um gênero representacional da comunidade lésbica. Embora, o estudo de Balocco (2005) trabalhe com depoimentos sobre experiência de assumir uma identidade sexual, essa pesquisa se restringe ao um determinado grupo da comunidade

---

<sup>119</sup> Trabalho de aproveitamento solicitado pela Profa. Dra. Magda Bahia Schlee, apresentado como exigência da disciplina “Princípios Básicos da Linguística Sistêmico-Funcional”.

homossexual (lésbica) e não se preocupa mapear as representações de tal grupo em relação à experiência do “sair do armário”. Por isso, faz-se necessário um estudo que mapeie tais representações. Para tal, utilizar-se-ão histórias contadas da comunidade homossexual do sexo masculino.

Por se tratar de um depoimento sobre experiência pessoal, a presente pesquisa parte da hipótese de que os processos verbais do subsistema de transitividade, desenvolvidos pela linguística sistêmico-funcional são os mais apropriados para mapear as representações da experiência em questão.

Estruturalmente, o artigo inicia apresentando uma breve explanação do gênero depoimento sobre a temática assumir-se *gay*. Com base da (LSF), o artigo prossegue com uma breve definição do que é língua e suas metafunções e a descrição do sistema de transitividade. Em seguida, apresenta a metodologia e o item selecionado para análise. Depois, segue com a análise e discussão dos resultados. E por fim, o artigo chega às suas conclusões preliminares.

## 2. *Gênero em análise*

Conforme mencionado na introdução, o gênero textual em análise é o Depoimento, especificamente sobre a temática assumir a identidade sexual *gay*, originado do inglês como *Coming Out Story*. De acordo com King e Summer (2004, p. 279) depoimentos dessa natureza representam um marco importante na história pessoal dos homossexuais. Eles podem ser entendidos como uma memória pessoal significativa desse grupo, assumindo sua emergente identidade sexual em forma de narrativa. Segundo Balocco (2005, p. 77), as histórias de *Coming out* se assemelham à “autobiografia”, por conter uma identidade entre o narrador, autor e personagem. Essa história tem como papel compartilhar experiência ou defender uma causa. Para Balocco (*op. cit.*), uma história desse gênero, não apenas conta uma experiência, mas também, realiza na fala uma identidade pública para o sujeito homoerótico. Estruturalmente, essas histórias apresentam elementos básicos da narrativa: pessoas, tempo e espaço e sequências de fatos. Como são narrativas pessoais, predominam verbos e pronomes na 1ª pessoa; verbos no pretérito perfeito e presente do indicativo.

### 3. *Linguística sistêmico-funcional (LSF)*

A linguística sistêmico-funcional (doravante LSF), desenvolvida por Halliday e colaboradores, caracteriza-se por ser uma teoria de língua enquanto escolha realizada pelo uso linguístico. Sumariamente, a LSF se atém em compreender e descrever a linguagem em contexto de uso como um sistema de comunicação humana. Assim, esse modelo se opõe aos estudos formais de cunho mentalista, se interessando no uso da língua como forma de interação entre os falantes (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 19).

Dentro desta perspectiva, qualquer realização linguística está sempre condicionada a três tipos de metafunções: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. Essas metafunções se referem às manifestações das funções que estão inerentes a todos os usos da língua, tais como: representar o meio, estabelecer relações com os outros e organizar a informação, respectivamente. Vale ressaltar que todas as instâncias da linguagem abarcam as três metafunções simultaneamente.

A metafunção *textual* está relacionada ao fluxo de informação e organiza a textualização através do sistema temático, a qual permite organizar o nosso significado ideacional e interpessoal, isto é, a nossa mensagem, num todo linear e coerente. Já a metafunção *interpessoal* compreende o papel de representar as interações e construções de significados interpessoais com seus interlocutores mediante o sistema de modo. E, por fim, a metafunção *ideacional* corresponde às representações/construções dos significados de nossa experiência de mundo, seja esta real, exterior a nós, seja esta da nossa própria consciência, interno a nós próprios, representado pelo sistema de transitividade, a ser tratado a seguir.

Com o propósito de examinar as representações sobre o processo do “sair do armário” (*Coming Out*) dos homossexuais, contempla-se o sistema de transitividade da metafunção ideacional por prover uma ferramenta analítica apropriada para tal objetivo.

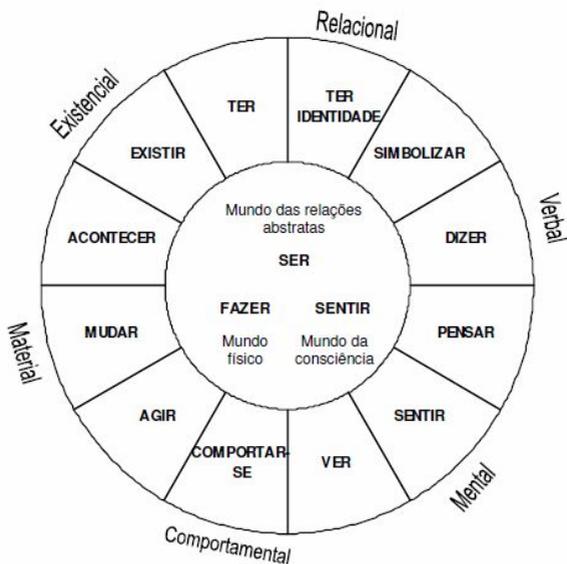
### 4. *Transitividade*

De acordo com Cunha & Souza (2007, p. 27), a transitividade consiste em um sistema gramatical ligado à metafunção ideacional, que está associada à representação das ideias, da experiência humana. Tal sistema se responsabiliza em materializar um fluxo de eventos ou aconte-

cimentos através dos tipos de processos (verbos) com cada tipo se adequando a uma fatia da realidade.

Segundo Thompson (2004, p. 88-89), o termo transitividade sempre fora associado a uma forma de distinguir o verbo em relação ao seu objeto dentro da gramática tradicional. Entretanto, numa perspectiva sistêmico-funcional, esse sistema opera uma análise linguística em cima de uma oração como um todo, não se limitando ao verbo e seu complemento. Assim, todos os elementos dentro de uma determinada realização linguística passam a ser considerados e são classificados como: processos, participantes e circunstâncias.

O **quadro 1** abaixo ilustra melhor esse arranjo.



**Quadro 1. Gramática da experiência baseado em Freitas (2008)**

O conceito dessas classificações são categorias semânticas que explanam de modo mais geral como os fenômenos de nossas experiências do mundo são construídos na estrutura linguística (FUZER & CABRAL, 2010, p. 27). As circunstâncias são materializadas pelos grupos adverbiais que indicam, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que a ação se desenrola. Já os participantes são marcados pelos grupos nominais e se referem às entidades como pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados, os quais levam a ocorrência do processo

ou são afetadas por ele. Quanto ao processo, ele é núcleo da oração dentro de uma perspectiva ideacional, tipicamente expresso pelos grupos verbais, que indicam a experiência se desdobrando através do tempo.

Halliday e Mathiessen (2004) apresentam seis tipos de processos que compõem o sistema de transitividade para a língua inglesa: material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial. Os autores ainda ressaltam que os três primeiros processos são os principais dentro do sistema, enquanto os três últimos estão alocados entre as fronteiras dos processos principais. O processo comportamental se encontra entre o processo material e mental, ao passo que o processo verbal se aloca entre o processo mental e relacional, e o processo existencial fica entre o processo material e relacional.

Halliday & Mathiessen (*op. cit.*) configura um espaço semiótico arredondado com os processos entrelaçados em si por conta do princípio da indeterminação sistêmica. Esse princípio se fundamenta nas interpretações multifacetadas que um determinado processo pode gerar de acordo com o seu contexto de uso. Assim, um mesmo texto pode oferecer modelos alternativos de análise diversificada, isto é, o verbo que, num contexto, aparece representado por um determinado processo, em outro pode ser interpretado de outra forma. Por isso que se considera transitividade com um sistema, pois, como qualquer outro sistema, constrói-se uma rede de escolhas em um espaço semiótico contínuo, que disponibiliza categorizações que se opõem entre si.

Sabendo que o sistema de transitividade é composto de seis tipos de processos operados alternativamente na análise linguística, vejamos o significado de cada um e seus respectivos participantes, iniciando pelos processos primários (material, mental e relacional) e encerrando pelos secundários (verbal, comportamental e existencial).

De acordo com Eggins (2004, p. 215), os processos materiais são aqueles que envolvem entidades que fazem alguma coisa, executam alguma ação, isto é, processos do fazer. Uma boa tática de identificar esse tipo de processo é realizando a seguinte pergunta: “O que X fez?”. Por exemplo, “O que Diana fez?” “Diana foi para Gênova.” (EGGINS, *op. cit.*)

Como os processos materiais descrevem alguma atividade, qualquer ação envolve atores ou participantes. Essa categoria semântica apresenta os principais participantes: ator e meta. O primeiro se refere à entidade que executa a ação, ao passo que o segundo é aquele para quem a

ação se direciona. O ator é tipicamente o sujeito representado por um grupo nominal, enquanto a meta, pela gramática tradicional, é tratada como o objeto direto (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004; EGGINS 2004), como no exemplo retirado dali:

<b>O leão</b>	<b>pegou</b>	<b>o turista</b>
<b>Ator</b>	<b>Pr. Material</b>	<b>Meta</b>

Além do ator e da meta, outros participantes podem estar envolvidos no processo material, como: escopo, beneficiário e atributo. Segundo Eggins (2004, p. 218) o escopo se caracteriza por ser o participante menos independente que especifica uma das duas coisas: “ou é uma reafirmação ou continuação do próprio processo ou expressa uma extensão do processo”.<sup>120</sup> Em outras palavras, considera-se escopo colocações verbais que podem ser substituídas por um verbo ou são aqueles participantes que constrói o domínio em que o processo se desenrola.

Veja os dois exemplos de Thompson (2004, p. 107):

<b>Nós</b>	<b>Pagamos</b>	<b>£25</b>
<b>Ator</b>	<b>Pr. Material</b>	<b>Escopo</b>

<b>Eu</b>	<b>Faço</b>	<b>Trabalho de servente</b>	<b>Nessa casa</b>
<b>Ator</b>	<b>Pr. Material</b>	<b>Escopo</b>	<b>Circunstância</b>

Observa-se no primeiro exemplo que o valor (£25) corresponde ao domínio que o processo se desenrola, não afetando a performance do processo. O participante considerado como extensão do processo é denominado escopo-entidade, um elemento especificando um aspecto do processo, como adverbial (THOMPSON, 2004, p. 107). Já o segundo exemplo é visto que o processo material e o escopo podem ser substituídos por um verbo do tipo: “trabalho como”. Denomina-se esse participante como escopo-processo, pois o grupo nominal que sucede o processo é o que preenche o sentido global do verbo.

O participante beneficiário pode ser apresentado como receptor ou cliente. Considera-se beneficiário receptor aquele que recebe algum bem material, ao passo que o beneficiário cliente recebe algum serviço.

---

<sup>120</sup> Tradução livre: “either it is a restatement or continuation of the process or it expresses the extent or ‘range’ of the process” (EGGINS, 2004, p. 218).

Os exemplos de Fuzer e Cabral (2010, p. 39-40), abaixo, mostram melhor compreensão:

Eu	dei	ao meu amor	um anel
Ator	Pr. Material	Recebedor	Meta

O bom pai	Construiu	para seus filhos	um futuro tranquilo
Ator	Pr. Material	Cliente	Meta

O participante atributo é entendido como aquele elemento que constrói estado qualitativo do ator ou da meta depois que o processo está completo. Fazendo uma comparação com a gramática tradicional, o atributo corresponde ao predicativo do sujeito ou do objeto, como nos exemplos de Fuzer e Cabral (2010, p. 40) abaixo:

O bebê havia nascido <b>morto</b>
O governo paraguaio considerou <b>insuficientes</b> as propostas apresentadas até o momento pelo governo brasileiro.

O segundo processo, o mental, está presente em orações relacionadas à experiência de mundo da nossa própria consciência, isto é, ele codifica os significados de pensar e sentir (EGGINS, 2004, p. 225). Halliday e Mathiessen (2004) dividem “orações mentais” em quatro tipos: perceptivas, cognitivas, afetivas e desiderativas.

As “orações mentais perceptivas” correspondem às percepções dos fenômenos do mundo com base nos cinco sentidos: visão, olfato, gustação, audição e tato (FUZER & CABRAL, 2010, p. 51). Elas estão representadas por verbos como: cheirar, compreender, ouvir, reparar, entre outros. Já as “orações mentais cognitivas” remetem ao sentido de conhecimento a determinado fenômeno, marcado por verbos como: saber pensar, achar, acreditar dentre outros. As “orações mentais afetivas” se referem às avaliações realizadas acerca de um fenômeno, isto é, expressam afeição a algo. Elas são marcadas por verbos como: amar, gostar, adorar, etc. E, por último, “as orações mentais desiderativas”, as quais correspondem aos desejos, à vontade, ao interesse de algo, materializadas pelos verbos: desejar, almejar, recusar, rejeitar, etc. O **quadro 2** abaixo exemplifica melhor os quatro tipos de oração mental:

Orações perceptivas	Eu <b>sinto</b> cheiro de rosas.
Orações cognitivas	Lula não <b>sabia</b> de nada
Orações afetivas	Eu <b>gosto</b> muito de Robinho e Elano
Orações desiderativas	Eu <b>desejo</b> sorte ao novo presidente

**Quadro 2. Tipos de oração mental adaptado de Fuzer e Cabral (2010, p. 51-52)**

Os participantes do processo mental se classificam em experienciador e fenômeno. O primeiro é o participante consciente que experimenta o sentir, ao passo que o segundo se refere ao fato que é sentido. Thompson (2004, p. 93) destaca que os processos mentais sempre envolvem um participante humano que tem o papel de experienciador. Mesmo sendo um participante inanimado representando um processo mental, ele carrega um grau de humanização no envolvimento do processo. Eggins (2004, p. 227-228) categoriza o participante fenômeno em dois tipos: ato e fato. estruturalmente o fenômeno/ato sucede o processo mental com um grupo nominal, enquanto o fenômeno/fato é introduzido pelo pronome relativo “que”.

O processo relacional corresponde às varias formas de “ser” expressado nas orações que servem para caracterizar e identificar duas entidades do mundo. Segundo Thompson (2004, p. 96) ele pode ser classificado em processo relacional atributivo ou identificativo. O primeiro é aquele que atribui uma qualidade a alguma entidade expreso pelo verbo ser ou por sinônimos. Já o segundo prioriza identificar uma identidade em termos de outra. Repara-se nos exemplos de Fuzer e Cabral (2010, p. 71 e 73) abaixo que *triste* é uma qualidade à entidade Lula, tendo como participantes o portador (Lula) e o atributo (triste). Já o grupo nominal *o presidente do Brasil* é o que identifica a entidade Lula, tendo como participantes o identificador (grupo nominal) e o identificado (Lula).

Processo relacional Atributivo	Lula ficou <b>triste</b> .
Processo relacional Identificativo	Lula é <b>o Presidente do Brasil</b> .

Uma forma de distinguir os dois tipos básicos do processo relacional é pelo teste da reversibilidade. As orações atributivas não são geralmente reversíveis semanticamente, isto é, não é possível inverter os papéis dos participantes sem alterar o sentido. Além disso, os identificadores das orações identificativas são introduzidos pelos artigos definidos: “o, a, os e as”.

O primeiro processo de natureza secundária são as “orações verbais”, as quais se referem aos verbos que expressam as várias formas de dizer, como: contar, falar, dizer, perguntar entre outros. De acordo com Eggins (2004, p. 235), um processo verbal contém três tipos de participantes: dizente, receptor e verbiagem. O primeiro corresponde ao participante responsável pelo processo verbal, incluindo até mesmo os seres inanimados; já o segundo é aquele para quem o processo verbal é direcionado: o beneficiário da mensagem; e o último se refere à mensagem que está sendo transmitida.

O segundo processo secundário são as “orações comportamentais”, as quais correspondem aos verbos que constroem comportamentos humanos, incluindo atividades psicológicas como ouvir e assistir, atividades fisiológicas como respirar, dormir, e verbais como conversar, focar (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 60). Em suma, são verbos que envolvem processos materiais e mentais simultaneamente, ou seja, são, em parte, ação, em parte sentir. Segundo Eggins (2004, p. 233), a maioria dos processos comportamentais tem apenas um participante consciente, intitulado comportante, ou seja, são verbos que expressam uma forma de fazer geralmente não estendido para outro participante.

O terceiro processo secundário se refere às orações existenciais, as quais representam algo que existe ou acontece com apenas um participante, o existente. (CUNHA e SOUZA, 2007, p. 60). Segundo Fuzer & Cabral (2010, p. 95), o verbo “haver” é típico da “oração existencial” e não apresenta sujeito. O existente pode representar uma pessoa, um objeto, uma instituição ou uma abstração e também uma ação ou evento.

## **5. Metodologia e item analisado**

O objeto de análise deste trabalho é um depoimento dado por um homossexual gay que assumiu sua preferência sexual perante os pais. A seleção desse depoimento foi baseada na praticidade em obtê-lo como público na internet e pela sua riqueza de detalhes em representar a experiência do “sair do armário”.

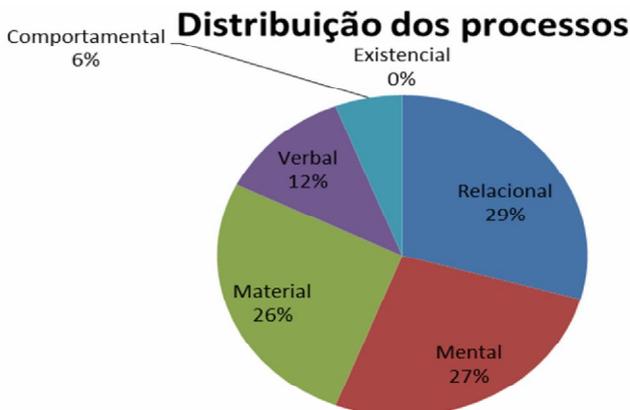
O depoimento utilizado para análise foi retirado de um site chamado *Armário X*, que tem como finalidade de levar informações gratuitas a respeito da homossexualidade. Um dos assuntos relevante para o trabalho proposto são os depoimentos que homossexuais dão de como eles “saíram do armário”.

Após a escolha do depoimento, a análise focou-se nos processos (verbos e seus entornos) presentes nas orações principais do depoimento. Optou-se por essa seleção deste item gramatical por conta do escopo e natureza deste trabalho.

No item seguinte, apresentam-se a análise e a discussão dos resultados obtidos, à luz do sistema de transitividade, orientada pela seguinte questão: “De que forma a experiência do “sair do armário” é representada pelos *gays*?”.

## 6. Análise e Discussão dos Resultados

Os resultados desta análise foram obtidos a partir da aplicação do sistema de transitividade a fim de verificar como a experiência do sair do armário é representada pelos homossexuais. A análise revelou que dos processos primários, de todas as orações consideradas (34), o discurso em questão apresentou uma predominância dos processos relacionais com 29 % de ocorrências e uma quase sintonia entre os processos mentais e materiais com 27% e 26%, respectivamente. Em relação aos processos secundários, os processos verbais se destacaram com 12% de ocorrências em relação aos processos comportamentais com 6% e aos processos existenciais com nenhuma ocorrência. O **quadro 3** abaixo ilustra melhor a distribuição dos processos:



**Quadro 3**

Para melhor entendimento de como a experiência do “sair do armário” é representada, apresentam-se as análises de cada processo verbal do sistema de transitividade e suas entradas léxico-gramaticais para tal representação. Sendo assim, inicia-se o exame dos processos por aqueles que obtiveram mais ocorrências no depoimento em questão.

Usadas para representar entidades no mundo em termos de suas características e identidades, no discurso em análise, as “orações relacionais” são utilizadas ora para atribuir uma qualidade à experiência do “sair do armário” ora para descrever participantes e cenários. Em sua maioria, os processos relacionais são materializados pelo verbo Ser com mais ocorrências em comparação a uma ocorrência do verbo Ficar e Parecer, conforme as instâncias abaixo:

Portador/Identificado		Pr. relacional	Atributivo (Atr.) / Identificador (Id)
1	nada é	é	<b>mais horrível</b> do que ter medo de ser feliz. (Atr.)
2	(sair do armário)	foi	por conta da <b>coragem</b> que conquistei para não ter medo de correr riscos (Id)
3	o que está em jogo	é	<b>grande demais</b> (Atr.)
4	eu	estava	<b>decidido, autenticado, acertado!</b> (Atr.)
5	Esta	era	<b>a última noite das minhas férias escolares.</b> (Id)
6	Nós	Estávamos	<b>acomodados</b> na sala, a janta <b>estava pronta</b> , a TV <b>estava ligada.</b> (Atr.)
7	Minha mãe	ficou	com uma expressão, digamos, <b>amuada</b> (Atr.)
8	pai	não parecia	ter sentido <b>um baque tão forte</b> (Atr.)
9	este	é	<b>um tipo de cubículo rarefeito, opaco</b> (Atr.)
10	O armário	nunca é	<b>um bom lugar</b> para se estar (Atr.)

**Quadro 4 . Exemplos dos processos relacionais**

As “orações relacionais atributivas” indexam às avaliações acerca da experiência do “sair do armário” e do “ficar dentro do armário”, como nos exemplos: (1), (3), (9) e (10). Tais orações também descrevem os participantes – si próprio, pai e mãe – como em (4), (7) e (8), e o cenário como no exemplo (6). Já as “orações relacionais identificativas” cumprem o papel de representar o “sair do armário” como um ato corajoso, conforme em (2) e situar o tempo em que revelação foi realizada, como em (5).

Quanto ao segundo processo, o mental, esse está presente em orações relacionadas à experiência de mundo da nossa própria consciência, isto é, ele codifica os significados de pensar e sentir. Elas são materializadas pelos seguintes processos no **quadro 5** abaixo:

Experienciador	Pr. Mental	Fenômeno
1	(eu)	<b>Lembro-me</b> daquela noite como se fosse hoje
2	eu	não <b>queria</b> viver com o medo de um dia ser descoberto
3	(eu)	<b>me incomodava</b> Demasiadamente em ficar no armário
4	eu	não <b>sei</b> quanto tempo se passou
5	(eu)	se <b>ouvia</b> nada
6	eu	<b>creio</b> que este já estava esperando por “gay” desde que proferi “eu.”
7	eles	iriam me <b>amar</b> de qualquer maneira eles
8	meus pais	<b>pensavam</b> que eu estava enganado
9	eu	<b>espero</b> que meu modesto texto possa ajudar em algo as mentes férteis dos que ainda estão no armário

**Quadro 5. Exemplos dos processos mentais**

Conforme o **quadro 5**, os processos mentais cognitivos desempenham duas funções. Primeiramente, introduzem ao interlocutor a parte narrativa do depoimento, isto é, trazem uma experiência vivenciada pelo indivíduo para o momento da enunciação, materializado pelo processo “lembro-me” em (1). Em seguida, esses processos mentais cognitivos marcam o conhecimento do falante sobre a situação em que ele se insere após a revelação de sua identidade sexual. Os processos são representados pelos itens léxico-gramaticais “não sei” e “creio” como nas orações em (4) e (6). Além disso, esses processos cumprem o papel de opor outros participantes em relação à experiência do “sair do armário”, marcado pelo processo “pensavam” em (8), implicando a troca de papéis desses participantes, de meramente receptor para experienciador.

As “orações mentais afetivas” marcam as razões pelas quais o sujeito viu a necessidade de revelar sua identidade sexual, representadas pelos itens léxico-gramaticais “me incomodavam” e “não queria viver com medo...” como nas orações (2) e (3). Além disso, como as mentais cognitivas, essas orações indexam ao posicionamento de outros participantes, marcado pelo processo “amar”, conforme a oração (6). Já as “orações mentais” desiderativas remetem à expectativa do falante de que sua experiência possa contribuir para aqueles que temem assumir-se *gay*. Tal desejo é materializado pelo processo “espero que” nas orações em (9).

O processo da oração (5) dos exemplos mentais é algo que precisa ser bem articulado. Partindo do princípio de que todas as “orações mentais” obrigatoriamente possuem um experienciador (consciente), a oração “nada se ouviu” não deixa claro quem é o experienciador de tal fenômeno, dando ao entender de ser uma oração cujo processo é existencial. Entretanto, como essa percepção surge depois do momento em que o sujeito fala para os seus pais sobre sua orientação sexual *gay*, acredita-se que o verbo ouvir está relacionado ao sujeito em questão. Sendo assim, classifica-se o processo da oração (5) como mental perceptivo, entendida como: “eu não ouvia nada após a declaração”.

As “orações materiais”, as quais o conceito de ação é subjacente, são representadas pelos processos no **quadro 6** abaixo:

Ator		Pr. Material	Meta/Escopo/ Beneficiário	Circunstância
1	eu	<b>conquistei</b>	coragem	para não ter medo de correr riscos
2	todos	<b>esperaram</b>		

3	ninguém	<b>se levantou</b>		para ir jantar
4	todos.	<b>permaneceram</b>		
5	As palavras	<b>vieram.</b>		uma a uma
6	Depois, o “sou”	<b>veio</b>		
7	O “gay”	<b>demorou</b>		um pouco para sair
8	<b>eu (e pais)</b>	<b>iríamos juntos procurar</b>	um psicólogo	para ter certeza do que eu estava dizendo naquele momento crucial
9	eu	<b>obtive</b>	meu prêmio máximo, que era a compreensão paternal	

**Quadro 6. Exemplos dos processos materiais**

Os processos materiais cumprem três papéis no depoimento em análise. Primeiramente, materializam a representação do “sair do armário” como uma conquista por conta de uma coragem adquirida e como um prêmio obtido, marcado pelos verbos “conquistei” e “obtive” nas orações (1) e (9) do **Quadro 6**. Em seguida, as orações materiais são responsáveis em sinalizar as cláusulas narrativas do depoimento, como conforme as orações (2), (3), (4), (5), (6) e (7). Repara-se que nas orações (5), (6) e (7), as várias formas do dizer são representadas pelas ações “as palavras vieram uma a uma”, “depois, o ‘sou’ veio” e “o gay demorou um pouco para sair”.

As orações verbais, as quais se referem aos processos do dizer, são materializadas pelos verbos no **quadro 7** abaixo:

Dizente		Pr. Verbal	Verbiagem	Receptor
1	meu coração	<b>clamava</b>	pela desistência	
2	(Eu)	Primeiro <b>disse</b>	“eu”,	
3	meu pai	começou então <b>dizendo</b>	que nada mudaria	
4	eu, que tão pouco tempo antes do episódio, nem o conseguia ante o espelho,	ia-me <b>afirmar</b>	meu sofrimento	frente a pessoas alheias

**Quadro 7. Exemplos dos processos verbais**

Os processos verbais identificados no depoimento permitem desenvolver relatos dialógicos, apresentando como verbiagem o discurso direto ou o discurso indireto, mais típico com o verbo dizer, conforme em (2) e (3) no **quadro 7** acima. Tendo, ainda, uma relação muito tênue com os processos mentais, as orações verbais configuram relações sim-

bólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem, como “clamava” em (1) e “afirmar-se” em (4), relacionando respectivamente ambos ao processo mental emotivo, igual a um pedido em desespero e cognitivo equivalente a um autoconhecimento da posição homossexual.

Os processos comportamentais, associados ao comportamento fisiológico e psicológicos, foram realizados pelos exemplos no **quadro 8** abaixo:

<b>Comportante</b>		<b>Pr. Comportamental</b>	
1	eu	<b>Demorei, enrolei, adiei, gaguejei</b>	o quanto era possível
2	mãe	apenas conseguia <b>balançar a cabeça</b>	concordando (em tese) com o que meu pai dizia

**Quadro 8. Exemplos dos processos comportamentais**

Os processos comportamentais descritos no depoimento se referem ao comportamento que o sujeito teve no momento em que revelou sua orientação sexual e de sua mãe em relação ao que o pai dizia. Observa-se em (1) que o processo de “sair do armário” é representado pelo verbos “demorei, enrolei, adiei, gaguejei”, implicando ser uma tarefa não muito fácil e de muito nervosismo (gaguejei). Já no segundo exemplo (2), o comportante “balança a cabeça” para coadunar com as ideias alheias.

## 7. *Conclusões preliminares*

À luz da abordagem de Halliday e Mathiessen (2004), a língua como sistema sociosemiótico é influenciada pelo contexto de uso, constrói significados e possibilita a representação da realidade com base na realização de escolhas linguísticas nas interações verbais. Este trabalho procurou analisar de que forma os homossexuais representam a experiência do “sair do armário”, isto é, assumir-se *gay*.

Partindo do princípio de que a seleção dos recursos linguísticos está envolvendo o falante e o contexto de uso, a presente análise pretendeu não perder de vista as realizações materializadas no *corpus* em questão e com igual valor, o contexto em que foi realizado.

Conforme o item metodologia, a análise foi executada partindo das orações principais do depoimento em questão. Em seguida, a análise foi orientada pela distribuição dos processos do sistema da transitividade e categorizando-os de acordo com contextos realizados.

De acordo com o que fora exposto no item análise e discussão de resultados, em geral, revelou-se a predominância dos processos relacionais com o papel de caracterizar e identificar participantes e cenários na história em questão. Além disso, houve uma quase equalização dos processos materiais e mentais. Os processos materiais se responsabilizam em caracterizar a história como uma narrativa e em representar a saída do armário com um ato de conquista. Já os processos mentais se encarregam de marcar o posicionamento do sujeito em relação à experiência do “sair do armário” e viabilizar espaço o posicionamento de outros participantes envolvido na tal experiência (como os pais do sujeito), acarretando a troca dos papéis discursivos dos interlocutores, de receptor para experienciador.

Nos processos secundários, a análise revelou um destaque dos processos verbais em relação aos comportamentais. Os processos verbais são responsáveis em desenvolver o diálogo entre os participantes, seja pelo discurso direto ou pelo discurso indireto. Já os processos comportamentais desempenham de mapear o comportamento dos participantes. Em particular, pelos processos comportamentais utilizados no discurso, foi possível perceber que o “sair do armário” para um *gay* não é algo fácil. Já em relação aos processos existenciais, nenhum verbo foi considerado.

Com auxílio da LSF, em particular, do sistema de transitividade, foi possível verificar como os homossexuais podem representar a experiência em “sair do armário”. A partir desse único depoimento em análise, percebeu-se que o fato de assumir uma identidade sexual *gay* está relacionado a um ato de conquista por conta de muita coragem para enfrentar todas as turbulências que envolvem esse processo. Assim, em linhas gerais, a identidade apreendida na narrativa em questão é a de um sujeito que precisa fazer e dizer para ser alguma coisa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALOCCO, Anna Elizabeth. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional. In: \_\_\_\_\_. Gêneros teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

CUNHA; Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. Transitividade e seus contextos de uso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2004.

FREITAS, Lúcia Gonçalves de. *Discurso e identidade em narrativas de migrantes*. Brasília: UNB, 2008, 240 fls. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed Londres: Hodder Arnold, 2004, p. 689.

KING, Laura. A.; SUMMER, Noelle Smith. Happy, Mature and Gay: intimacy, power, difficult times in coming out stories. *Science Direct: Journal of Research in Personality*, V. 39, p. 278-298, 2005.